

a súbita aparição
de hope arden
claire north

Tradução de Teresa Martins Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO 1

Disseram eles, quando morreram, que nada mais conseguiam ouvir além da gritaria.

Faço correr a tinta pela página, vejo o mundo através das janelas do comboio, nuvens cinzentas sobre a Escócia, e conquanto a gritaria continue ainda, não me incomoda. Já não.

Escrevo isto para ser lembrada. Julgar-me-ás, ao ler isto? Quem és tu? Mentiroso, impostor, amante, ladrão, marido, esposa, mãe, filha, amigo, inimigo, polícia, médico, professor, criança, assassino, padre? Descubro-me quase mais animada por ti do que estou por mim própria, sejas tu quem fores.

Sejas quem fores: estas são as minhas palavras.

Esta é a minha verdade.

Escuta, e lembra-te de mim.

CAPÍTULO 2

O mundo começou a esquecer-me tinha eu dezasseis anos.

Um lento declínio, um pedaço de cada vez.

O meu pai, esquecendo-se de me levar à escola.

A minha mãe, pondo a mesa para três, não quatro. «Oh», disse ela, quando eu entrei. «Devo ter pensado que não estavas em casa.»

Uma professora, a Menina Tomas, a única pessoa da escola que se importava, plena de fé nos seus alunos, esperança pelos seus futuros, esquece-se de dar caça ao trabalho de casa em falta, de fazer as perguntas, de escutar as respostas, até que, finalmente, não me dei mais ao trabalho de pôr a mão no ar.

Amigos, cinco que eram o coração da minha vida, com quem sempre me sentava, e que um dia se sentaram noutra mesa, não dramaticamente, não com ares de «vai-te lixar», mas porque olharam através de mim e viram uma estranha.

Uma dissociação entre nome e cara, assim se denomina o registo. O meu nome é lembrado, mas o elo quebrou-se; o que é Hope Arden? Um rabisco de tinta sem passado; nada mais.

Primeiro esqueces a minha cara, depois a minha voz, e depois, por fim, lentamente, esqueces as minhas consequências. Dei um estalo a Alan, o meu melhor amigo, no dia em que ele se esqueceu de mim. Ele correu da sala para fora, horrorizado, e eu corri atrás dele, corada de culpa. Quando finalmente o encontrei, ele estava sentado no corredor do bloco de ciências, de face afogueada, esfregando a cara.

— Estás bem? — perguntei.

— Sim — respondeu ele. — Dói-me um bocadinho a cara.

— Desculpa.

— Tudo bem; tu não fizeste nada.

Olhou para mim como para uma estranha, mas tinha lágrimas nos olhos quando falou. De que se lembrava ele então? Não de mim, não de Hope Arden, a rapariga com quem crescera. Não da palma da minha mão na sua cara, não da minha gritaria até voar cuspo, *lembra-te de mim, lembra-te de mim*. A sua dor estava a diminuir, levando com ela a memória. Ele sentiu mágoa, fúria, medo, estas emoções brilharam-lhe nos olhos, mas de onde vinham elas? Ele não o sabia já, e a memória de mim desmoronou-se quais castelos de areia à beira-mar.

CAPÍTULO 3

Esta não é uma história de ser esquecida.

À medida que se desvanecia a memória de mim, o mesmo acontecia a uma parte da minha pessoa. Quem quer que seja essa Hope Arden que se ri com os amigos, sorri com a família, namoriska com o seu bem-amado, se ressentido com o patrão, triunfa com os colegas — essa deixou de existir, e

tem sido surpreendente para mim descobrir quão pouco de mim ficou para trás, depois de tudo isso arrebatado.

Se é que as palavras na página são a única parte de mim que pode ser lembrada, e eu vou escrever algo que sobreviverá depois de eu me ir, isso deveria importar.

Uma história de Perfeição, então.

Para ti, começa em Veneza. Essa foi certamente a primeira vez que o mundo tomou consciência do que isso era. Mas para mim, e o papel que eu nela iria desempenhar, a história começou mais cedo, no Dubai, no dia em que Reina bint Badr al Mustakfi se matou no seu quarto de hotel no sétimo piso do Burj al Arab Jumeirah.

Dado que o quarto custava £830 por noite, e dado que se tratou claramente de um suicídio e portanto de uma gafe social, o corpo foi removido à pressa pela porta de serviço horas depois de ser descoberto. Uma empregada de limpeza nepalesa foi mandada esfregar o pior das marcas, mas Reina fora prestativa ao cortar a artéria femoral num banho quente, e portanto apenas umas quantas toalhas e o tapete da banheira tiveram de ser queimados.

Eu soube que ela tinha morrido porque a sua prima, Leena, não parava de gritar. Não chorar — simplesmente gritar. Em narrativas posteriores deste acontecimento, ela não diria as palavras «A minha prima Reina matou-se, e por esta razão», mas em vez disso «A minha prima Reina matou-se, e eu jamais recuperei do golpe».

Eu não gostava lá muito de Leena. O que tornou muitíssimo mais fácil roubá-la.

Gostava de Reina. Ela não sabia que éramos amigas, mas tudo bem — não me importo com estas coisas.

Entrei à força na morgue para onde tinham levado o corpo de Reina, um nome falso na etiqueta no dedo do pé, a pele tão cinzenta como a marquesa de aço em que jazia. Vasculhei as roupas que lhe tinham removido, folheei um caderno de notas de curiosas ideias e comentários sobre pessoas que passavam, dei comigo nas suas descrições: *Mulher, pele como leite em café, profundo, diluído. Lenço cor-de-rosa, unhas cortadas bem rentes, alta e empertigada, mala na mão esquerda, olha para todos sem vergonha, não se rala que a fitem fixamente.*

Tirei o caderno de notas, apertei-o contra o coração, depois pu-lo no bolso, uma coisa a estimar e guardar a salvo.

O telefone dela estava num saco de plástico transparente junto aos seus

sapatos, e o código desbloqueador foi fácil de adivinhar pela mancha oleosa que os seus dedos tinham deixado ao deslizar no ecrã. Tirei-o, e sentei-me nos degraus da morgue na sombra abrasadora, folheando mensagens e emails, procurando algo cruel ou um grito de dor para explicar porque estava Reina agora fria no silencioso edifício atrás de mim.

Apenas encontrei o Perfection porque me enviou uma notificação num lampejo.

Passaram quarenta e oito horas desde que foi ao ginásio pela última vez – esse corpo não ficará perfeito por desejo!

Uma aplicação, correndo no fundo do seu telefone.

Cuidado com o que compra hoje – essa última loja arrebatou-lhe os seus níveis recomendados de gordura saturada por hoje! Sabia que a gordura saturada é uma das primeiras causas de problemas cardíacos?

Que diabo de aplicação era esta?

Abri-a, curiosa.

Crie o seu eu perfeito.

A interface era simples, agilizada. Sem acessórios, sem personalização.

Perfeição é real. Perfeição é agora.

Um polícia dirigiu-se a mim, perguntou-me se estava perdida. Desliguei o telemóvel, meti-o no bolso, sorri e disse não, desculpe, foi só uma tontura.

Ele disse, gentil e calmo, «Toda a dor humana que experimentarás na vida já foi experimentada por seres humanos vivos e seres humanos ainda por nascer. Não há prontidão para ela, nem atenuar do sofrimento, mas minha senhora, valha o que valer, acho que deveria saber que toda a humanidade passada, presente e futura está consigo agora, ao seu lado».

Sorri e agradeçi-lhe, e fugi antes que ele pudesse ver-me desatar a chorar.

*

Nessa noite, deitada de barriga para baixo no hotel, mar em baixo, poeira em cima, inscrevi-me no Perfection.

Dei um nome falso, um endereço de email improvisado num café.

Ao aderir, ganhei automaticamente quinhentos pontos; o suficiente para um desconto de \$5 numa bebida vitamínica de uma marca acreditada. Pingou a minha localização pela rede sem fio, posicionou-me num raio de cinco metros, encontrou uma loja de produtos naturais num raio de oitocentos metros que aceitaria o meu vale.

Avance mais depressa – ligue a sua vida.

Pedi uma fotografia minha. Furneci a fotografia de uma estranha, tirada do Facebook.

Com base nisto, informou-me de que eu tinha um corpo maravilhoso, mas que podia ser tornado perfeito.

Considere alterar a sua alimentação – eis algumas dicas.

Encontre o exercício perfeito para si!

Um questionário. Preenchi-o, e fui informada de que o exercício perfeito para mim era corrida de meio-fundo. Providenciaram-me uma lista de treinadores adequados, juntamente com a quantidade de pontos que ganharia ao inscrever-me em qualquer um destes clubes certificados pelo Perfection.

Ligue a sua vida, **lembrava-me**. Crie o seu eu perfeito.

Pedi-me os meus detalhes bancários.

Ao dar a esta aplicação acesso aos seus registos financeiros e despesas, o Perfection pode ver o seu verdadeiro eu. Crie a sua carreira e hábitos de vida perfeitos, com conselhos personalizados.

Recusei-me a inserir os dados, e quando voltei a espreitar na manhã seguinte, tinha perdido duzentos pontos.

A Perfeição é dura, dizia. O poder está dentro de si.

Fechei a aplicação e restringi-lhe o acesso ao meu telefone.

CAPÍTULO 4

Coisas que são difíceis quando o mundo se esquece de nós:

- Sair a dois
- Arranjar emprego
- Receber atenção médica consistente
- Obter um empréstimo
- Instrução certificada
- Obter uma referência
- Ser servido em restaurantes

Coisas que são fáceis quando o mundo se esquece de nós:

- Assassínio
- Roubo
- Espionagem
- Crueldade casual
- Aventuras de uma noite livres de angústia (c/ preservativos)
- Não dar gorjetas

Durante uns tempos depois de ter sido esquecida, brinquei com a ideia de me tornar uma assassina a soldo. Imaginei-me em macacos de couro, abatendo os meus alvos com espingarda de *sniper*, o meu cabelo escuro ondeando ao vento. Chui algum me poderia apanhar; ninguém saberia o meu nome. Eu tinha dezasseis anos, e ideias peculiares quanto a ser «fixe».

Então fiz algumas pesquisas, e descobri que um contrato de assassinio pode ser adquirido por €5000, e que a maioria das pessoas que trabalhava neste campo eram homens brutais em fatos de treino de nylon. Não havia quase de certeza glamorosas raparigas a despejar um frasquinho de qualquer coisa na bebida do vilão; beberetes alguns em que espões trocassem entendimentos crípticos, deusa alguma de morte, mulher misteriosa alguma. Apenas um lampejo de brutalidade no escuro, e o cheiro a pneus sobre alcatrão.

Mais tarde, ao aconchegar-me no meu saco-cama sob a escada da biblioteca, fechei os olhos e interroguei-me como é que chegara à conclusão de que o homicídio era aceitável. Na minha condição, privada de família e esperança, sabia já que seria pelo crime que eu sobreviveria, mas significaria isso que a vida humana perdera a sua santidade? Visualizei a cena de matar um estranho, e descobri que era mais fácil do que matar um amigo. Depois adormeci, e em sonhos homens bateram-me, e eu tentei agredi-los de volta, e não consegui, o meu braço petrificado no ar, o meu corpo impotente.

Força, força, força, gritava a minha mente adormecida. *Força! Força! FORÇA!*

E eu sem me mexer mesmo assim, e quando acordei de manhã, descobri que alguém mijara na extremidade do meu saco-cama.

CAPÍTULO 5

Tens o Perfection?

Memórias — preciso de explicar o que se passou antes, para me explicar a mim? Talvez. Há uma palavra que Reina usava por vezes — peregrinação.

Peregrinação: uma viagem feita por razões exaltadas.

Um ato sagrado.

E depois ainda, pesquisa no Google: *Peregrinação é*

▷ *uma coisa fora de moda*

▷ *um desperdício de tempo e dinheiro*

▷ *importante ainda*

Tem o Perfection, perguntou ela, e onde foi isto?

Dubai, uns dias antes de Reina morrer. Um hotel numa ilha artificial; o Burj al Arab Jumeirah. Quando entrei, um homem ofereceu-me uma toalha de mãos fria, uma mulher ofereceu-me tâmaras numa bandeja dourada, o rececionista perguntou se eu iria desejar um dos *Bentleys* do hotel. Com a diária mais barata, £650 pagavam o quarto mas, por tão pouco, o criado particular poderia ser um tudo-nada rude e não se tinha acesso ao salão VIP. É aqui que começa? Penso que é.

— Tem o Perfection? — perguntou Leena e, atrás dela, Reina suspirou. — O CEO vem ao Dubai. Temos aqui um vicejante mercado de investimento; não se julgaria que companhias como esta precisassem de investimento, mas uma coisa como o Perfection vai ser global, vai ser mega, eu sei, mudou a minha vida! Vou obter tratamentos!

Cinco mulheres em divãs no spa, o mar azul como o céu matinal, o céu do meio-dia branco como a Lua da meia-noite, enchendo as janelas a toda a volta. Bebidas em camadas multicoloridas trazidas por mulheres do Bangladesh com sorrisos luminosos, cabeças baixas. Das cinco que estávamos a ser servidas, só duas eram do Dubai, uma princesa qualquer-coisa-qualquer-coisa-de-qualquer-lado com um inglês sem mácula e a sua prima Reina, que talvez não fosse princesa mas era difícil dizer, que tinha um blog sobre reforma social e direitos das mulheres e era, de acordo com Leena:

«Maravilhosa, não é simplesmente maravilhosa?, mas quem me dera que fosse um pouco mais... bem, sabe...»

Um gesto, abarcando a figura silenciosa de Reina, que ao contrário de todas nós restantes usa fato de banho, não biquíni, e jaz deitada no divã com o portátil aberto, sobrancelhas franzidas no topo do nariz.

— Os tratamentos destroem-te a alma — replicou Reina suavemente do seu portátil, sem levantar os olhos. — Os tratamentos destroem quem és.

— Querida — exclamou Leena —, há quem veja isso como uma coisa boa.

O olhar de Reina ergueu-se vivamente, encontrou o da prima, susteve-o, desviou-se. — Eu quero simplesmente ser eu mesma — murmurou.

— Mas isso é suficientemente bom? — cismou Leena. — Ou é apenas egoísta? — Fui sentar-me ao lado de Reina, perguntei-lhe em que estava a trabalhar enquanto as outras relaxavam à sua volta.

— Esta é a minha *jihad* — replicou Reina, sem levantar os olhos do portátil. — Esta é a minha peregrinação.

Jihad: luta. Esforçado empenho no caminho de Deus.

Sempre gostei de conhecimento. Faz-me sentir que sou real, parte de qualquer coisa apesar de tudo.

— Ontem a polícia deteve uma rapariga de catorze anos acusada de sexo fora do casamento com um vendedor de gelados — cismou Reina, a falar para o computador, tendo aprendido há muito que mais ninguém lhe daria ouvidos. — Ele violou-a, e será deportado. Ela vai para a prisão por adultério. Não posso aceitar que os direitos das mulheres sejam culturalmente relativos.

— Está a ver! — exclamou Leena, rolando no divã de modo a que a mulher filipina que lhe aplicava a tatuagem corporal metálica-platina lhe chegasse à nuca. — A Reina é simplesmente tão... tão... bem, simplesmente!

*

— Tem o Perfection?

Uma mulher americana, Suzy ou Sandy ou Sophie ou algo do género, que jazia deitada, costas nuas, queixo para baixo enquanto finos pedaços de folha de ouro lhe eram delicadamente pincelados na pele, criando redemoinhos e curvas coloridas de milhares de dólares que seguiam os contornos da sua perfeitamente esfoliada, perfeitamente bronzeada, perfeitamente tonificada, perfeita carne.

Inclinei-me para fora do divã para ver de que falava ela.

— É uma aplicação — explicou, voltando-se para eu ver. — Uma ferramenta de saber viver, uma forma de criar um eu melhor. Inscreve-se, dá-lhe acesso aos seus dados e ela ajuda-a a melhorar!

— Que espécie de dados? — perguntei.

— Oh, tudo, realmente. Cartões de fidelidade, milhas aéreas, compras online, contas bancárias. Quanto mais informação ela tiver, melhor a poderá ajudar. Tipo, quando eu me inscrevi, tirei uma fotografia minha e ela conseguiu definir a minha altura, peso, tamanho de calçado, tudo — é uma inteligência, uma autêntica inteligência. E nessa altura eu tinha excesso de peso, quero dizer — bem, não vou dizer-lho! — mas encontrou melhores ementas para mim, bons treinadores, porque é isso que interessa, não é? E de cada vez que atinge um objetivo, tipo, alcançar o seu peso perfeito ou comprar os sapatos perfeitos num revendedor da aplicação, obtém pontos, e após determinado número de pontos, obtém uma experiência para assinantes!

— Que espécie de experiência?

— Oh, simplesmente fabulosa, fabulosa. Com quinhentos pontos, tive direito a um corte de cabelo grátis no Pike and Ion, foi sensacional, eles simplesmente sabem de cabelos. Com dez mil, obtive trezentos dólares de gastos no outlet SpringYou no centro comercial, *trezentos!* Não podia crer, mas, claro está, a aplicação soube o que eu comprei, e só por comprar as roupas certas, tive automaticamente um bônus de quinhentos pontos. Já vou em cinquenta e dois mil pontos, e mal posso esperar para ver o que aí virá.

Sorri e disse que soava maravilhoso, fabuloso, como é que eu podia usar uma coisa daquelas na minha vida.

— Tem de a ter! — exclamou ela. — Já é tão bonita, com um nico de trabalho, poderia ser perfeita também!

Sorri. Este era o meu terceiro dia na companhia destas mulheres, e a primeira vez que me viam. Eu era boa a ser obsequiosa.

*

E nessa noite,

— Tem o Perfection? — perguntei a Reina, enquanto corríamos juntas no ginásio só para mulheres, removidos lenços de cabeça, o suor ensopando-nos o cabelo.

— Sim — cismou ela —, tenho. É algo em que a minha família porventura investirá.

— É tão bom como as pessoas dizem?

— Suponho que... pode ser.

— Não soa convencida.

— É... a Leena fez-me inscrever-me, disse-me que eu era... sabe como por vezes as pessoas dizem palavras que deveriam ser terríveis, mas como conhecemos as pessoas e a forma como as dizem, não são? Só que, claro está — acrescentou ela —, são realmente.

— Que palavras? — perguntei.

— Oh, o costume. Gorda. Desmazelada. Enfadonha. Nada atraente para os homens. Sem graça nas festas. Frígida. Claro que não devia interessar, são coisas dela, não minhas.

Olá — tem a certeza que este é o restaurante certo para si? Eis a nossa lista de fornecedores recomendados com a garantia Perfection!

Continuámos a correr. Então ela disse: — Dantes pensava que bastava que gostassem de mim por ser eu.

Quase me ri, mas havia tal tristeza nos seus olhos, e eu estava sem fôlego, de modo que não ri. Em vez disso: — As pessoas que veem quem você é gostam de si por si, estou certa disso.

Ela sorriu, e olhou ao longe, e não voltámos a falar nessa noite.

CAPÍTULO 6

Porque viera eu para o Dubai?

Especificamente: para roubar a família real. O meu alvo era o diamante Crisálida, a peça central de um colar criado em 1912 para Afise Lakerba, mulher de Mehmed VI, o último Sultão Otomano. Quando a monarquia foi abolida, as joias entraram num frenesim pelas leiloeiras de todo o mundo, possuídas em etapas por gigantes da petroquímica, vedetas de Hollywood e a mulher do presidente da Colômbia antes de, tornadas infinitamente mais valiosas pela sua história, retornarem ao Médio Oriente através da tia de Leena, Shamma bint Bandar, uma das quase quatro mil descendentes reais da Casa de Saud.

Porquê esses diamantes?

Porque três equipas distintas se tinham habilitado a eles nos últimos cinco anos, e fracassado. O seu fracasso significava duas coisas: um desafio e um comprador.

É fácil, na minha posição, ser amadora com estas coisas. Parece-me que o frisson é maior quando o puzzle se encaixa. Por capricho, roubei certa vez o relógio de pulso do presidente do Paraguai, mas apenas rendeu \$250 e o frisson não foi nada comparado com o dia em que roubei £98.000 num assalto a um casino que se desenrolou sem mácula, a mais perfeita execução de um belo plano, com meses de preparação. Na minha linha de trabalho somos nós que criamos os nossos próprios picos.

Shamma bint Bandar vinha ao Dubai a uma festa de celebração com os criadores do Perfection, e com ela vinha o Crisálida.

Leena era a minha porta de entrada, mas enquanto eu borboleteava à sua roda, Raina captava-me cada vez mais a atenção.

*

— Ainda não nos conhecemos — disse eu a Reina, da quarta vez que fomos correr juntas. — O meu nome é Rachel Donovan.

E de novo: — Ainda não nos conhecemos — disse eu, quando nos sentámos juntas a ouvir um recital de música popular síria num bar abaixo do hotel. — Mas tenho muito prazer em conhecê-la.

— Eu pertenço a uma família importante, de certo modo — explicou ela com um suspiro, enquanto partilhávamos manga servida numa cama de gelo picado. — Mas neste lugar isso não significa nada. Estou a tentar ser melhor.

— Melhor em quê?

— Em tudo. Melhor a falar com as pessoas. Melhor a aprender, entender, expressar-me e perceber os outros. Melhor aparência, melhor forma de pensar, simplesmente... melhor. É uma coisa boa por que me esforçar, não?

Já considerou comprar alguma destas revistas transformadoras de vida? Leia histórias inspiradoras de mulheres que encontraram as suas Vidas Perfeitas!

— Sim. Acho que é.

— Eu tenho um blog.

— Acho que já o li.

— Já? Poucos o fizeram — devia estimá-la bem. Demasiadas vozes todas ao mesmo tempo na internet, aos gritos, o tempo todo simplesmente aos gritos, às vezes é difícil ser-se ouvida. Às vezes penso que o mundo está cheio de gritaria.

Eu disse... algo. Algo sensaborão, tentando encontrar palavras melhores, palavras adequadas como a mulher a comer manga com Reina bint Badr al Mustakfi deveria ter dito, mas de alguma forma, no decurso da nossa conversa, eu deslizara para fora do meu papel, e só Hope Arden permanecera, e ela muito pouco tinha a dizer por si mesma.

— Pensei por uns tempos que lutaria para encontrar o meu lugar — cismou Reina, fitando nada em especial. — Agora apenas quero ser feliz onde estou.

*

No dia seguinte estava morta.

Copiei os seus emails para o meu computador; atirei o seu telemóvel ao mar.

Emails dos seus pais, preocupados com ela. De um par de amigos, esperando que ela estivesse bem, fotografias de famílias felizes, crianças a crescer, não é maravilhoso?

De grupos de ativistas fazendo campanhas por direitos civis, direitos dos imigrantes, responsabilidade ambiental, reforma legal, etc.

Do próprio Perfection, um lembrete automaticamente gerado.

Vemos que se tem atrasado no seu regime de beleza e compras, **dizia**. Perdeu quatrocentos pontos na semana passada. Lembre-se: a perfeição está na mente assim como no corpo. Só você pode escolher ser perfeita. Eis algumas histórias inspiradoras de pessoas perfeitas do 106, para ajudar a encorajá-la a entrar nos eixos de novo.

Um link — fotografias, homens, mulheres. Lindos — todos lindos. Dentes, cabelos, lábios, sorrisos, tórax, seios.

Antónimos de frígida: amistosa, adorável, recetiva, ardente, amorosa. Li tudo até ao fim do seu pequeno caderno de notas manuscritas.

Leena é feliz, escreveu ela. É incrivelmente feliz. É estúpida, e preguiçosa, e mimada, e chata, e talvez a determinada altura percebeu-o, e então encontrou maneira de esquecer que percebia o que quer que fosse. Pensei que talvez a sua confiança fosse uma fachada, um escudo para se proteger da sua própria mágoa, mas vejo agora que a superfície é a verdade, as profundezas são as superfícies.

Ontem comi fora sozinha, mas quando olhei para a conta, vi que tinham sido pedidos dois pratos, e que eu não pagara.

Hoje, o Perfection enviou-me fotografias de uma modelo num casamento, para me lembrar do que eu poderia ser. Quando ela fode um tipo, gritará ele de êxtase quando se vem? Gritará ela? Penso que me é destinado pensar que ela grita.

Esta noite a gritaria é estridente. Tão estridente.

Estas foram as suas últimas palavras. Sentei-me à beira-mar e observei as ondas durante uma hora, depois duas. Interroguei-me se lhe agradaria, saber que alguém estava a pensar nela. Interroguei-me se ela estaria feliz, dado o que eu intentava fazer. Esperava que estivesse, e depois de muito pensar, queimei o seu caderno de notas e atirei as cinzas ao mar.

CAPÍTULO 7

Tipos de roubo: assalto, carteirismo, roubo por encontrão, roubo automóvel, arrombamento, grande golpada, suborno rápido, falsificação, roubo de identidade, furto em lojas, recetação, desfalque, estelionato, saque, furto, gatunice.

Actus reus: ato doloso.

Mens rea: mente dolosa.

Uma mulher inocente pode levar a cabo *actus reus* ao pegar por engano na mala de outra mulher. Uma mulher culpada comete *mens rea* quando o faz deliberadamente. Um pode ser uma responsabilidade civil; só com ambos é que a matéria chega a um tribunal criminal.

Eu não queria ser uma ladra.

O meu pai era bófia; às vezes vinha encontrar-se comigo na esquadra. A maioria das pessoas estavam lá por coisas feitas enquanto bêbedas, pedradas ou desesperadas. Uma delas, um traficante de droga, abriu-se num sorriso quando lhe tiraram as impressões digitais, e riu-se para o sargento e chamou-lhe «meu» e disse «Não vai a lado nenhum, vai ver!» e tinha razão, e acenou ao sair da esquadra, «Mais sorte para a próxima, meu», corrente de ouro ao pescoço, ténis encardidos nos pés.

O único ladrão que vi tinha dezassete anos de idade, e embora eu tivesse apenas catorze, pareceu-me novo. Era branco como uma almofada, magro como um palito, e oscilava entre inação e violência qual cata-vento num tornado.

Agora: quieto, ombros descaídos, joelhos dobrados, pés virados para dentro.

Agora: debatendo-se, esperneando, contorcendo-se, deixando-se cair no chão, tentando bater com a cabeça contra o balcão.

E agora: quieto, silencioso.

E agora: gritando, gritando, foda-se, foda-se, gritando, sem palavras só foda-se, foda-se, gritando.

E agora: por de mais calmo. Por de mais silencioso. Fitando uma porta trancada.

Nesse dia, o meu pai deveria supostamente levar-me a ver um filme, mas teve de voltar ao serviço para ajudar a aplicar restrições ao miúdo na cela. Deixaram-no embrulhado como uma carpete por vinte minutos, libertaram-no para evitar o risco de sufocação, e o papá levou-me finalmente ao cinema, mas o filme já tinha começado, e na noite seguinte o miúdo foi levado para o hospital depois de esmagar o crânio na parede da cela.

— Às vezes as pessoas dizem que é fácil — cismou o meu pai, enquanto me conduzia para casa da nossa saída falhada, um desconexo e apologético monte de batatas fritas meio comidas no meu colo. — É mais fácil roubar do que trabalhar; é mais fácil mentir, safar-se com isso. Às vezes têm razão. Às vezes — demasiadas vezes — o sistema simplesmente não está calhado para aqueles que não têm nada melhor. Os desistentes e os viciados; os que não têm para onde ir. Às vezes é mais fácil fazer trapaça, porque a vida é dura. Mas temos de ter os amigos e família e gente à nossa volta que nos ama e se rala, e temos de ter esperança, grandes esperanças para o futuro, ideias quanto ao que queremos, porque se tivermos tudo isso, então a vida torna-se mais fácil — não fácil, só um tudo-nada mais fácil — e podemos ver que fazer trapaça é desespero, e o desespero é duro.

Eu não disse nada, ainda danada com o meu pai por ter mais uma vez sido vítima de demasiado trabalho, demasiadas promessas não cumpridas.

Ele não disse mais nada durante o resto do percurso, e não ligou a rádio.

CAPÍTULO 8

No dia seguinte à morte de Reina, a Princesa Shamma bint Bandar chegou ao Dubai, trazendo consigo o diamante Crisálida. Observei, as malas já feitas, quando Leena foi ao encontro da sua tia e respetiva comitiva à porta do hotel.

— Querida, estás linda! — exclamou a tia, e, *guinchinho*, tanto a contar-lhe, oh meu Deus, tem sido fabuloso, respondeu Leena.

Ninguém mencionou Reina.

Permaneci um bocado ao sol, ignorando o táxi que o porteiro chamara para me levar ao aeroporto.

— Minha senhora? — disse ele, e como eu não respondesse: — Minha senhora, ainda quer o táxi?

— Não, obrigada — respondi, e surpreendi-me com a certeza na minha voz. — Penso que talvez ainda tenha coisas a fazer aqui.

E assim falando, peguei na minha mala e voltei a entrar no hotel.

*

Reuni ferramentas para o meu crime.

A segurança pode localizar um batedor a léguas, mas a segurança nunca se lembrou de mim tempo suficiente para se interessar. Persegui rainhas e príncipes, troquei apertos de mão com diplomatas e espões, e ninguém olhou duas vezes. Nunca ninguém olha duas vezes para mim.

O explosivo plástico, adquirei-o a um ex-perito em demolições que fora despedido do seu emprego no Qatar depois de oito trabalhadores terem morrido no seu turno.

— Ali há sempre gente a morrer — explicou ele, ao entregar a mercadoria num saco de fechar com cordão. — As pessoas são mais baratas que o aço. O que interessa isso? Fizeram de mim um bode expiatório. Hipocrisia; a morte do intermediário.

*

Desligar a eletricidade no momento certo foi mais difícil, mas longe de ser impossível. O vírus para a tarefa, comprei-o a um fornecedor chamado *BarbieDestruiuALua*. Ela — esperava que fosse uma ela — não teve pruridos em vender-mo através da darknet, dado que, tal como salientou, *Chui, ladrão, espião ou bobo, jamais me irás dar com o rasto*.

E o quê exatamente, perguntei, estava eu a comprar com os meus bitcoins?

É um conceito roubado à CIA, explicou ela. *Eles usaram-no no Irão para desligar o seu programa nuclear, mas acabaram com as trombas desmascaradas. A CIA é uma corja de pintinhos do caralho. Os da NSA é que impõem respeito.*

Estabeleci um timecode, e implantei o vírus no portátil de um engenheiro novato a passar por um infeliz e, conforme se verificou, completamente irracional trauma romântico.

— A minha mulher anda a dormir com outro homem! — choramingou, enquanto partilhávamos sushi e chá verde no café japonês com paredes forradas de pseudogatos cor-de-rosa de olhos arregalados. — Ela nega, e eu digo-lhe que lhe perdorei se ela o admitir, mas ela não admite, de maneira que eu jamais lhe perdorei, jamais, até ao dia em que ela morrer.

Sorri, passando o sushi por soja. Nunca embeber demasiado o sushi; um chef gritou-me certa vez por este pecado, mas a criada de mesa pediu desculpas por ele, explicando que a sua salamandra favorita morrerá nessa manhã, e ele era um homem de grandes paixões. Percebo muito bem, respondi. Pode ser devastador, perdermos uma salamandra que amamos.

— Claro está que não consigo encontrar qualquer prova da sua traição — suspirou o meu quase-de-certeza-não-cornudo engenheiro novato. — Mas isso só prova quão bem ela a encobre!

Implantei o vírus no seu portátil enquanto ele foi mijar, e no dia seguinte, sem o saber, carregou-o para os computadores de subestação em que trabalhava juntamente com as suas folhas de horas de trabalho e uma série de poemas de trazer por casa sobre as paixões do amor desprezado.

CAPÍTULO 9

Profissionalismo criminal; é mais do que boa prática.

Jamais roubar por raiva, e contudo Reina estava morta, e o Crisálida tinha vindo para o Dubai e por isso...

Inspirar. Contar cada respiração. Uma inspiração — uma expiração. Contar até dez.

Frequência cardíaca: 76 BPM.

Pressão sanguínea: 118/76. Sistólica/diastólica. Em 1615 um médico chamado William Harvey publicou *Exercitatio Anamotica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus* — *Do Movimento do Coração e Sangue nos Animais*. Os Chineses e os Indianos já lá tinham indiscutivelmente chegado

antes, mas só em 1818 é que Samuel Siegfried Karl Ritter von Basch inventou o esfigmomanómetro.

Conhecimento é poder.

Conhecimento é liberdade.

Conhecimento é tudo o que eu tenho.

Não há nada neste mundo que me possa dominar, salvo eu própria.

*

Dias de perseguição no Burj al Arab Jumeirah.

Numa segunda-feira eu era uma estranha que Leena conhecera junto à piscina. Numa terça-feira era uma estranha no spa. Na quarta-feira era uma estranha que a abordou durante o jantar. Roubei o telemóvel de Leena, copiando toda a sua informação e associando o seu cartão SIM ao meu. Ela ia nos 634.000 pontos no Perfection.

Por agora estará a sentir o rejubilar que só pode provir de saber que se está a aproximar do pináculo de potencial. As suas metas não são sonhos — são verdades que você poderá, irá e deverá obter para se tornar o seu perfeito e verdadeiro eu!

Uma mensagem escrita no seu telemóvel:

Não posso crer que a Rainha nos tenha feito isto! Porque seria ela tão estúpida?

Após vinte minutos de separação do seu telemóvel, Leena começou a entrar em pânico. Entreguei-o de volta a um dos seus seguranças, que suspeitou de mim como sendo alguém nefasto, mas eu já desaparecera e ele esqueceu-se.

Não é invisibilidade que eu possuo; é mais um constante pestanejar da mente.

— Temos todos o Perfection! — sussurrou-me Suzy-Sandy-Sophie-Qualquer-Coisa ao ouvido enquanto estávamos na sala de aromaterapia. — Até as princesas! Eu sou de Ogema, Wisconsin, e o meu pai vendia utensílios de cozinha em segunda mão na garagem, mas agora estou aqui e janto com realeza e simplesmente não há que deixar isso subir-nos à cabeça, pois todos eles são simples pessoas, realmente, ainda que sejam muçulmanos!

Sorri e disse: — É uma mulher muito tonta, não é? — e quando a boca lhe caiu de angústia e raiva, eu saí da sala de aromaterapia direita para a piscina de água fria, onde me deixei afundar, a cabeça a latejar com a mudança de temperatura enquanto contava até cinquenta, e depois vim à superfície e respirei, e deixei-me afundar de novo, contando para trás até zero.

Porque dissera eu aquelas palavras?

Um lapso de profissionalismo; imperdoável num trabalho. Observei a minha pele de galinha da água gelada, senti a pressão formar-se no fundo do nariz e censurei-me.

Eu dominava-me, sempre, independentemente de tudo. Disciplina em tudo.

Quando regresssei à sala de aromaterapia, Suzy-Sandy ainda lá estava, deitada numa toalha branca. Abriu um olho quando entrei, não viu qualquer ameaça, fechou-o de novo.

— Olá — disse eu, sentando-me no banco em frente dela. — Sou a Rachel; sou nova aqui. Como é que se chama?

*

À noite, conheci Leena pela primeiríssima vez, pela décima sexta noite de enfiada, e, tendo já prática, avancei logo com: — Adoro o seu vestido.

Abordagens prévias: *Estou interessada nesta cidade fabulosa. Trabalho em finanças. Estou interessada no Perfection. Estou a escrever um artigo sobre as mulheres do Dubai. Conheci Reina, lamento a sua perda.*

Nenhuma resultara, conquanto a menção ao Perfection me tivesse deixado mais próxima disso. Por vezes a verdade é que a rota trivial é a mais bem-sucedida, pelo que:

— Adoro o seu vestido.

— Adora, é fabuloso, não é?

— É Vera Wang?

— É! E o seu é...

— Dior.

— Simplesmente, adoro Dior.

— Quem é que não gosta?

Palavras vazias.

Eu sou o meu sorriso.

Eu sou os meus lábios.

Baixo a cabeça ao falar com ela, de modo que os meus olhos tenham

de olhar para cima, parecendo maiores, mais redondos, mais atrativos. Animais lendo animais. As minhas joias, o meu vestido, o meu corpo, todos falam por mim, uma mulher com a pele quase tão escura como a da minha mãe, usando o perfume perfeito para a noite perfeita à beira-mar. As primeiras impressões contam, quando são tudo o que se tem por que viver.

Eu sou a ruga de deleite ao canto dos meus olhos. Eu sou a mulher que ela quer que eu seja. — Simplesmente, adoro moda — disse por entre os meus lábios reluzentes. — Você é a mulher com mais estilo aqui este ano.

Informação, pairando:

Vera Wang; estilista, antiga patinadora artística.

Al Maktoum, a família real do Dubai, descendentes dos Al Falasi da coligação de tribos Bani Yas.

— Você é maravilhosa — exclamou Leena. — É mesmo a espécie de pessoa que adoro conhecer.

*

Uma vez que se tenha a presa, mantê-la debaixo de olho. Só quando já não me veem é que as pessoas me esquecem.

Mantive-me perto de Leena, fluí com a sua comitiva, ri das suas piadas, partilhei as minhas opiniões sobre moda, celebridades, viagens. «As pessoas perfeitas, as roupas perfeitas, as palavras perfeitas, as férias perfeitas!», exclamava ela, e em seu redor toda a gente ria.

— Eu estou com a Prometheus — explicou um homem com um fato Nehru branco e dourado, um cocktail gelado numa mão. — Queremos mesmo que o Perfection seja bom para as pessoas, as ajude a viver vidas melhores. Com a ajuda correta, qualquer pessoa pode ser perfeita!

Sorri e ri, e pensei noutra espécie de correção, explanada por um príncipe indiano há muito morto. Visão correta, sabedoria correta, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. O caminho óctuplo. *Samyanc* em sânscrito; correção como indica a completude, a unidade, a coerência. (Pode igualmente ser usado para expressar a noção de perfeição.)

Leena e eu circulámos juntas numa sala com treliça de ouro, chão de mármore, flores frescas — orquídeas, lilases salpicados de branco. Uma festa no seu apogeu, quase nem um lenço de cabeça à vista, homens e mulheres misturando-se livremente, um estandarte numa parede — *O Futuro É*

Perfeito. Os criados eram indianos e do Bangladesh, atraídos dos campos de trabalho ocultos no deserto. Expatriados por todo o lado.

Eu era especialista em títulos do governo, mas agora mudei-me para os futuros globais...

...a questão dos seguros é que...

Porque lhe chamam «paraíso fiscal»? Quero dizer, não se apercebem como é que a imprensa reage a palavras como essa?

...o petróleo é demasiado curto prazo. Certo, há agora dólares à farta, mas eu quero que os meus miúdos se metam nos direitos digitais.

Os Emirados Árabes Unidos têm uma população algures entre 75 e 85 por cento de expatriados. O que fazem tantos estrangeiros a uma sociedade? *Volvo* em Abu Dhabi, o MacDonald's dá uma boa saída à noite? Ou será que a cultura morde de volta exaltando antigas virtudes: os poemas de Dhu al Rummah, a música de Umm Kulthum, as palavras dos *Hadith*, as tradições dos povos das areias?

Um pouco de ambos, talvez. As canções de Umm Kulthum reinterpretadas ao estilo de Beyoncé.

Contei relógios de ouro.

Contei telemóveis.

Contei passos até à porta.

Olhei, e vi o colar que viera de tão longe roubar, não já no seu estojo sensível à pressão, sensível ao movimento, sensível ao calor, mas usado ao pescoço de Shamma bint Bandar, que neste preciso momento beija um homem de elegante fato preto na face, felicitando-o pelo seu árduo trabalho. Aqui, esta noite, o Crisálida foi posto no seu devido uso; a vaidade torna as pessoas vulneráveis.

«Acabei de começar os meus tratamentos», explicou uma mulher com saltos de quinze centímetros, as partes de trás dos seus tornozelos incrivelmente finas, as barrigas das pernas gravadas ao de leve com uma linha de prata translúcida onde o cirurgião cortara, apenas visível quando a luz sobre ela incidia. «É incrível, simplesmente incrível, mudou a forma como vejo o mundo.»

Ela usava um vestido que afundava à frente, atrás, dos lados, deixando pouco mais que umas alças taticamente colocadas sobre os ombros. O homem com quem ela falava usava adorno de cabeça branco sustido no lugar com ouro, veste branca, barba preta cortada num V perfeito em torno do queixo, e uma adaga cerimonial decorada de rubis. Parecia que teriam de se esforçar para comunicar, mas ele exclamou: «O meu primeiro tratamento

foi um espanto! O meu motorista veio buscar-me a seguir, e pela primeira vez vi-o. Não apenas ele, mas *ele*.»

Avancei. Circulei, contando.

Roubar joias a um ser humano é mais fácil para mim do que roubar de um cofre. As câmaras de vigilância CCTV lembrar-se-ão do meu rosto, o cofre precisará de peritos que o arrombem, os sensores de movimento requererão ferramentas de ludibriamento. Não posso executar grandes golpadas, mas devo esperar pela oportunidade de agir, sozinha, sem auxílio, correndo riscos que qualquer um temendo que o seu rosto fosse reconhecido jamais correria.

Circulo, circulo, circulo na sala.

Conto os homens da segurança de notório preto — onze — e os homens de segurança mais discretos misturados com a multidão — quatro que eu veja.

Conto xeques jordanos de vestes brancas, príncipes sauditas de elegantes fatos de seda, homens da embaixada americana com manchas de suor embebendo-lhes as camisas debaixo dos braços, investidores chineses tirando selfies contra o fundo da cascata interior do salão de baile, sorrindo para a câmara na extremidade do bastão.

Conto mulheres que prefeririam não estar ali, os lábios sorrindo mas os olhos não. Conto relógios de pulso que custam mais que o salário anual dos criados que os invejam, e o número de vezes que ouço as palavras «capitais próprios» ditas em voz alta. (Trinta e nove.)

Conto câmaras de segurança.

Conto os passos até à Princesa Shamma, e o valor de \$22 milhões da peça de joalharia que lhe rodeia o pescoço. O meu interesse em Leena foi-se, agora que me meteu na festa, e ela já está bastante bêbeda. A tia não está.

Estás pronta?

Conto os segundos, coloco-me na posição perfeita para a minha jogada, solto os pés dentro dos seus ridículos sapatos de salto alto, que apenas serão um estorvo quando o momento chegar.

— Desculpe?

A mulher fala inglês com um ligeiro sotaque americano que é pura escola internacional: apátrida, esplendoroso. Fito-a surpreendida, assimilando o seu vestido de colarinho subido de estilo chinês, adornado com dragões de prata em fundo preto; o cabelo preto penteado ao alto com uma desordem que só pode ter custado um dinheirão; a pulseira e brincos de prata, o rímel preto, o sorriso cauteloso. O escuro em torno dos olhos fá-los

parecer mais fundos do que são; os brincos suspensos fazem-lhe o pescoço parecer mais longo. Após uma noite a beber, seria uma pálida criatura com tamanho de estorninho¹, mas agora, neste lugar, é o luar sobre saltos altos.

— Está sozinha? — perguntou-me. — Conhece alguém?

Pensamento instantâneo: é uma mulher da segurança? Por que outro motivo haveria alguém de me observar o tempo suficiente para descobrir a minha solidão, sem esquecer a minha existência? Mas ela permanece à precisa distância física requerida para ser audível, sem intrusão, continua a sorrir polidamente, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Eu... não — balbuciei. — Não conheço ninguém.

— É britânica?

— Sim.

— Está aqui em trabalho?

— Sim, com o British Council.

Uma mentira, lesta e fácil. Estou aqui para promover o estado britânico. Espalho pelo mundo a palavra de Shakespeare, a história do críquete, as memórias do colonialismo e o gosto de peixe e batatas fritas. Sou uma mensageira da boa vontade. Sou uma adjunta da arrogância nacional. Quem sabe?

A mulher, sempre sorrindo, não disse nada.

— O que faz você? — perguntei, da boca para fora, para encher o espaço.

— Estou na investigação.

— O que quer isso dizer?

— Estudo o cérebro humano.

— Isso soa... grandioso.

Pela primeira vez, um repuxar do canto da sua boca que bem podia ser um sorriso querendo tornar-se real. — Todo o pensamento é retroalimentação e associação. Deparando-se com crescente stress social, o corpo responde como faria a qualquer alarme. Os capilares constingem-se; o ritmo cardíaco eleva-se, a respiração acelera-se, a pele fica quente, os músculos contraídos. O charme vacila ante a hipertensão. A partir deste momento de rejeição social, instauram-se trilhos no cérebro para reforçar uma ligação entre socialização e ansiedade. Desenvolve-se uma série de assunções que conduzem a uma percepção dos sistemas sociais como ameaçadores, desencadeando uma resposta de ansiedade. Todo o pensamento é retroalimentação: às vezes essa retroalimentação pode tornar-se demasiado ruidosa. Faz parte do 106?

¹ No original, possível trocadilho com a palavra *starling*, que significa estorninho mas poderia igualmente significar estrelinha. (N. da T.)

— Não sei o que isso significa.

Um lampejo de surpresa, e depois: — Tem o Perfection?

— O quê? Eu... não.

— Não diga ao meu irmão.

— O seu irmão é...

— Ele procura fazer uma versão que promova os valores islâmicos.

Cinquenta mil pontos por fazer o *haji*; quinhentos pontos por qualquer débito direto para caridade, e por aí fora. Eu disse que não estava certa de que Deus funcionasse dessa maneira, por algoritmos de recompensa e vales de compras, mas aqui estamos nós... — Um suave erguer das mãos, palmas para cima, como se erguesse a sala dos seus alicerces para a examinar. — E ao que parece, tudo vai... muito bem.

Ela julgara saber o que queria dizer “muito bem” em tempos, mas pela expressão dos seus olhos, o tempo presente está a redefini-lo.

Abri a boca para dizer oh, a sério, é fascinante — mas não há tempo. O vírus implantado há nove dias numa subestação elétrica ganha vida no momento certo, e deita abaixo uns 30 por cento da eletricidade do Dubai.

Um tremeluzir, quando as lâmpadas se obscurecem, seguido de um restabelecimento quando o gerador de emergência do hotel assume a carga. O som da música declina, depois revive, as vozes oscilando emudecidas, e logo sonoras de novo na breve calmaria. Os olhos da mulher tremeluzem para o teto, depois para as janelas, olhando através da água para onde se apagou um padrão de luzes através da costa.

Trinta, vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete...

— Subestação — cismou ela. — Provavelmente um simples tropeção.

— A minha amiga tinha o Perfection — disse eu, e fiquei surpreendida ao ouvir a minha voz, ver os olhos dela voltarem-se para mim. — Na altura, não me pareceu que fosse infeliz.

— Lamento — disse a mulher. — Como é que ela se chamava?

— Reina.

...dezanove, dezoito, dezassete, dezasseis...

Abri a boca para dizer algo mais, algo banal, e em vez disso dei comigo a oferecer a mão, que ela apertou. — Chamo-me Hope.

— Filipa — respondeu ela. — É bem mais interessante do que faz por parecer.

— E você é mais do que as pessoas pensam?

Ela meteu para dentro o lábio inferior, os olhos elevados para o teto,

como que procurando um brilhante fio de seda de uma teia de aranha tângivel. — É exatamente isso, penso eu. Exatamente isso.

...seis, cinco, quatro...

Sete passos até à tia de Leena, o agarrar do colar em torno do pescoço é fácil, pratiquei de olhos fechados no mesmo enquadramento durante três horas a noite passada. Estão três pessoas entre mim e o meu alvo, agora quatro, a alteração da sala jogando em minha desvantagem.

Abro a boca para dizer algo que importe; mas na confusão de passagens de serviço e não tão seguras assim portas trancadas abaixo do hotel, a minha pepita de Semtex explode por fim.

A explosão não abanou o edifício; mal gerou potência de fogo suficiente para perfurar os cabos aos quais estava acoplada. Fez-se uma escuridão instantânea, como mãos em torno do pescoço. Será uma questão de momentos até que alguém suspeite de manobra suja, uma questão de minutos até que os engenheiros deem com o problema. Os geradores, quando os inspecionei numa das minhas rondas noturnas envergando um uniforme de empregada da limpeza, são concebidos para sobreviver a terramotos e furacões. A reparação não será difícil.

Uma falta de reação na sala — uns quantos suspiros, um ligeiro arquejo, mas nada de gritos ou pânico. Os cortes de energia acontecem; é simplesmente a vida.

Viro-me, mãos adiante enquanto os meus olhos se adaptam à obscuridade, palpo caminho entre seda e veludo, passando por renda e pérolas, contando os passos, cinco, seis, sete, sem pressa, até sentir o roçar de uma cintura contra a minha mão e ouvir o pequeno tomar de fôlego de uma estranha à minha frente.

— Princesa Shamma? — digo em árabe, modulado com o sotaque da minha mãe.

— Sim? — responde a dama.

Levo-lhe uma mão ao pulso, aperto-lho com força, e com a outra arranco-lhe o colar do pescoço. Fácil; praticado. Ela fica surpreendida, mas apenas pelo inesperado contacto no seu braço. Os olhos seguem sempre o movimento maior; o corpo responde sempre à sensação maior — qualquer prestidigitador o sabe.

Arranquei os diamantes, soltei-lhe o pulso e afastei-me.

Quarenta e sete segundos se passaram até que a tia de Leena desatasse a gritar.

CAPÍTULO 10

Nem sempre fui o que sou agora.

Em tempos, era lembrada.

Tinha amigos e família, professores e trabalhos de casa.

Era má aluna e tudo bem.

Nunca chegarás a grande coisa com a tua atitude, disse o professor de Geografia.

Não é a tua disciplina, pois não?, disse o de Matemática.

Escreve-o de uma vez!

Um dia a Inglês, foi-nos dito que tínhamos de falar durante um minuto de um tema à sorte. A rapariga à minha frente, Emma Accrington, tirou as palavras «escritórios de espaços abertos» do chapéu sobre a secretária da professora.

«Não sei o que isto é», explicou ela, contorcendo-se penosamente diante da classe que a fitava. «Acho que é como um escritório, mas sabem como é, ao ar livre e isso tudo. Tipo, todos vão lá para fora e tipo, há animais, sim? Tipo, galinhas e vacas e assim?»

A classe riu-se, e ela riu-se também, reconhecendo o absurdo daquilo tudo, e quando a professora me mandou falar a seguir, eu ainda estava a rir, e não consegui dizer uma palavra sobre o meu tema — passear cães — pois as lágrimas corriam-me pela cara.

Achas-te engraçada?, perguntou a minha professora ao pôr-me de castigo. *Achas que alguma vez farás alguma coisa de mérito?*

Mérito: a qualidade que torna alguma coisa desejável ou valiosa.

Meritório: que tem as qualidades que merecem ação ou consideração.

Caracterizado por boa intenção, mas destituído de humor.

Uma pessoa notável numa esfera particular.

Sinónimos: virtuoso, bom, ético, de princípios elevados, de pensamento justo, nobre, reto, venerável, consciencioso, fidedigno, seguro, exemplar.

Antónimos: desonroso, indigno. Ninguém.

Eu tinha quinze anos, e ao ir a pé para casa através do inverno parda-cento, sabia que de nada era meritória.

Quando chegou o relatório da escola, o papá ficou silencioso. Fiquei

à espera que gritasse comigo, mas ele não gritou. A minha mãe gritou até chorar. A sua pele era escura como mogno queimado, o cabelo já grisalho nas têmporas, cortado bem rente ao crânio. Usava um avental de cenouras e couves-flor quando cozinhava, coisa que fazia cinco noites por semana a não ser que o papá estivesse no turno da noite, caso em que cozinhava ele antes de sair para o trabalho. Tinha eu dez anos, ela disse: — Agora vais aprender a cozinhar! — e eu pressenti que esta não era uma questão a debater. Nyaring Ayun-Arden, a minha mãe, era coordenadora do serviço de clientes do gabinete concelhio de habitação e era uma boa cozinheira, embora gostasse de sardinhas acima de tudo.

«É simplesmente maravilhoso!», exclamava. «É peixe, numa lata, por 16 centavos!»

O meu pai dizia que tinha conhecido a minha mãe num evento comunitário.

A minha mãe ria-se e dizia: «Assim lhe chamas tu!»

Eu ignorava-o como uma tola piada de adultos, até que um dia a minha tia Carol sussurrou: — A tua mãe atravessou a pé o Sudão e o Egito, andou até chegar a Istambul, veio para este país na caixa de um camião e arranjou trabalho a fazer triagem de roupas para hotéis, mas acabou a pedir esmola depois de lhe dizerem que não podiam pagar a imigrantes o salário mínimo. O teu pai agarrou nela, pô-la numa cela para passar a noite, deu-lhe chá e uma refeição de micro-ondas. Três anos depois, ela estava a dirigir o balcão de receção do grande gabinete concelhio no centro da cidade, e ele acabara de ser promovido a sargento. O teu pai tinha-se esquecido dela, mas ela não se esquecera, não a tua mãe, e foi a sorte dele.

No ano em que eu nasci, a irmã da minha mãe, deixada para trás no Sudão, deu igualmente à luz e chamou à sua filha Sorrow. A minha mãe, sem saber disto, ou sequer que a sua irmã estava viva, chamou-me Hope. A família dela era nuer, mas para lhes facilitar a vida o meu avô insistira que aprendessem todos árabe, na esperança de que os filhos entrassem um dia para a função pública. A função pública não os quis, mas a minha mãe cantava-me em árabe no berço, e praguejava em árabe, e andava de um lado para o outro do quarto ralhando comigo em árabe, com as palavras, primeiro numa língua, depois na outra: — Hás de falar em muitas línguas e ter as oportunidades que eu não tive!

Em criança, ouvia estas palavras como uma condenação. Ela não tivera oportunidades, pelo que agora me forçava, a sua filha, a viver a vida que ela

não pudera viver. Só depois de ter perdido a minha família é que eu compreendi o que ela estava a tentar dizer.

— Um bófia casar com uma imigrante, especialmente naqueles tempos — cismava a minha tia — diz muito do amor deles. Mas a verdade é que o teu pai sempre foi bom homem em primeiro lugar, e bófia em segundo; por isso é que a sua carreira tem sido tão lenta. E a tua mãe... sempre acreditou nas pessoas. Por isso te chamou Hope.

CAPÍTULO 11

Saindo descalça de um roubo no Dubai.

Não saio diretamente do hotel, não ainda. Se o fizer, alguém com muita paciência poderá visionar as imagens das câmaras, verificar quem lá estava quando a energia faltou, quem é que não estava quando voltou. A comparação resultaria na minha cara.

A maior parte das forças policiais não tem tempo, e tempo é dinheiro. Mas a polícia do Dubai é comandada pelo príncipe fulano que é parente do príncipe sicrano, e conquanto um roubo insignificante, um pequeno assalto, um toque de abuso sexual ou doméstico pudesse resvalar por falta de tempo e energia, ninguém pousa um dedo num membro da família real.

De modo que esperei.

Pus os diamantes num saco de plástico no autoclismo da terceira retrete na casa de banho das senhoras do piso térreo. Nos filmes de gangsters de Hollywood, um tolo trapalhão e o seu insinuante filho tropeçarão na minha mercadoria roubada; seguem-se artimanhas, surge o amor e eu acabo como uma vilã, mulher fatal porventura, já que me é narrativamente impossível ser outra coisa que não uma predadora sexual, bem como uma mestra do crime.

Assim sendo, a polícia, quando chega, começa imediatamente a interrogar o pessoal do hotel, puxando homens feitos pelo colarinho, berrando na cara das criadas filipinas, enquanto os expatriados e dignitários se misturam em estado de choque e excitação, pois esta é simplesmente a coisa mais emocionante que acontece desde há muito tempo e deliciar-se-ão com ela durante anos.

Um homem no átrio, gritando ao telefone. A mulher toda vestida de preto está postada atrás dele, observando sem expressão.

«Na porra da minha festa!», berra ele. «Na porra da minha festa roubou-lhe a porra das joias, sabes o que esta porra nos faz, sabes que porra acabamos de perder...?!»

As portas do elevador fecham-se, cortando-o da minha vista.

No meu quarto deito-me na cama, costas direitas, braços sobre o peito.

Respiro.

Uma vez.

Duas vezes.

Observo o reflexo da água no teto.

Disciplina.

Diariamente: alguma forma de exercício.

Diariamente: alguma forma de interação social.

Disciplina.

Fecho os olhos, e respiro.

CAPÍTULO 12

Fui esquecida quando tinha dezasseis anos.

Porquê nessa altura?

Os meus pais amavam-me, não havia dúvida. Mas quando a minha irmã nasceu, necessitava de atenção quase constante. A pequena Gracie, que aos quatro anos apanhou sarampo de um miúdo do infantário cuja mãe julgava que a tríplice viral era veneno.

«Veem?», vociferou ela quando a minha irmã foi levada a correr para as urgências com 41°C de febre. «Ela levou a vacina e que bem lhe fez?»

Pensei que a mamã ia dar-lhe um estalo, e quando o papá me levou a casa, a mamã ainda sentada na UCI, ele quase abalroou um ciclista, e tivemos de esperar na faixa do bus durante dez minutos enquanto ele retomava o fôlego.

Aos médicos são ensinados os três cês para diagnosticar o sarampo: carraspana com tosse, conjuntivite e coriza (nariz entupido para ti e para mim). Podíamos igualmente acrescentar um K — os pontos de Koplik.

Aglomerados de lesões brancas na mucosa bucal. Parecem pequenas marcas brancas, como grãos de sal, pelo interior da bochecha junto aos molares. A detecção precoce pode conduzir a um rápido diagnóstico antes de se instalar a plena infecciosidade. Nós não os detetámos precocemente; não sabíamos procurar.

Aos 42°C os órgãos começam a ficar lesados. Foi-me permitido faltar à escola, e desejei pela primeira vez não faltar, enquanto o exantema alastrava a todo o corpo de Gracie.

Só passados quinze dias é que a minha irmã foi autorizada a vir para casa. Ao fim de nove meses, era óbvio que ela sofrera lesões cerebrais. A mãe da criança não vacinada apareceu três dias depois de tirarmos Gracie do infantário. Ficou à porta, uma mulher pequena com um lenço de arco-íris, e falou baixinho com a minha mãe, e no fim estava a chorar, e a mamã também, embora nem uma nem outra levantasse a voz, e nunca mais a vi.

Acho que começou então, nos meses e anos que se seguiram ao sarampo.

Lentamente, um pedaço de cada vez, comecei a diminuir, e o mundo começou a esquecer.

CAPÍTULO 13

Treze horas depois de colocar os diamantes na casa de banho das senhoras, fui buscá-los de volta, e dei saída do hotel.

O autocarro Dubai-Muscat era um lustroso expresso com ar condicionado que viajava a uma imutável e enfadonha velocidade pelo meio da gigantesca e esparsa autoestrada ao longo de seis horas e meia, duas das quais passadas num labirinto de passagens fronteiriças. As autoridades emiradenses olharam de relance para o meu passaporte americano e não se interessaram. Os indianos e paquistaneses que rumavam a Omã eram sujeitos a várias horas de especulação.

— Acontece o tempo todo — disse a mulher ao meu lado, mascando diligentemente sementes de girassol enquanto estávamos sentadas sobre as nossas malas à porta do barracão da alfândega. Cuspiu as sementes para um lado, e abriu-se num largo sorriso cheio de dentes. — Você tem sorte;

o seu país é rico. Ninguém quer saber do que fazem os ricos. Ei, quer ouvir uma coisa engraçada?

Claro, porque não?

Ela abriu-se num desastre dentário de sorriso e, num inglês de sotaque carregado, entoou: — Fazem os golfinhos alguma coisa alguma vez à toa? Não! Fazem-no à toninha! — e riu-se até as lágrimas lhe rolaem pela cara.

*

O autocarro zigzagueou através das montanhas, uma terra de nenhures de estradas vazias antes da fronteira de Omã, onde apresentámos a nossa bagagem para ser revistada. Ninguém se dignou abrir o pote de loção de bronzear na qual os diamantes estavam cuidadosamente acondicionados; os cães detetores de droga não encontraram nada de interesse ao farejarem ao longo da fila. Os serviços de imigração de Omã estavam alojados num palácio falso árabe, que devia mais da sua arquitetura à Disney do que a Sinan Pasha.

— Sozinha? — perguntou o inspetor.

— Sim.

— Casada?

— Não.

— Tem alguém com quem ficar?

— Sim.

— Mas não é casada?

— Não.

Os seus lábios franziram-se ligeiramente de desagrado, mas embora eu fosse uma mulher solteira, viajava num autocarro público pelo que, não encontrando razão diplomática satisfatória para me rejeitar, deu-me o visto.

*

Na estrada tudo era amarelo.

Durante algum tempo contei carros; depois contei arbustos, depois não havia nem uns nem outros para contar e fitei a poeira e interroguei-me quantos grãos de areia seriam soprados para o mar todos os anos, e se se poderia construir uma pirâmide com eles. A costa de Omã fora escavada e semeada de robustas árvores verdes-escuras e esparsos campos beges

inclinados, mas a poeira insinuava-se por cada alpendre de casa de cada desconhecida povoação que abraçava a estrada.

*

Palavras quando penso em Muscat:

- Acolhedora — cremalheiras de carne, sorrisos em cada porta, as palavras «tem de conhecer a minha mãe» são ditas com genuína alegria.
- Quente — a brisa marítima parece fazer ricochete em terra, o braseiro seco do deserto escaldando-nos as costas.
- Dividida — não tanto uma grande cidade, como uma série de pequenas cidades, reunidas por estradas entupidas por sobre colinas pronunciadas.
- Unificada — cada rua deve respeitar um determinado estilo, cada repartição obedecer a estritas leis arquitetónicas.
- Velha e nova — antigas tapeçarias em baixo; ar condicionado em cima. Pés nus, cabeça coberta. Janelas de arabescos, tetos abobadados, um lugar simultaneamente encantador e absurdo.

*

Os nomes de ruas em Muscat eram quase inexistentes. O hotel em que dei entrada indicava o seu endereço como «4.º edifício depois da estátua do navio do lado esquerdo de frente para o mar», antes de se alargar para mais largos golpes de área e distrito.

Sentei-me a uma varanda de frente para o oceano, e bebi café turco, os pesados grãos roçando-me os dentes. Não era a minha primeira escolha de hotel, mas isto não era o Dubai; nem todos os lugares aceitariam uma mulher não casada, viajando sozinha.

Nesta bolha de calma abrigada do mundo, liguei a televisão e vi as notícias. O roubo no Dubai corria apenas como notícia de segundo plano nuns quantos canais, a polícia confiante de um rápido sucesso nas suas investigações. Os detalhes eram esparsos; até a internet parecia estar emudecida quanto ao assunto. Só um fragmento tinha o seu interesse — uma entrevista com um homem de nome Rafe Pereyra-Conroy (CEO da

Prometheus), que se voltou diretamente para a câmara e disse: «Sentimos pessoalmente este assalto aos nossos amigos e generosos anfitriões, e tudo faremos em nosso poder para ajudar a trazer o criminoso à justiça.»

Estudei-lhe o rosto, e não vi nele nada digno de nota. Desliguei a televisão.

No lavatório da casa de banho, lavei a loção de bronzear dos diamantes, depois dispu-los num lençol branco, escrevi a data e hora num pedaço de papel junto a eles, tirei uma fotografia do conjunto, e tratei de procurar vender a minha mercadoria roubada.

*

Num cibercafé em Muscat, liguei o meu portátil à tomada Ethernet na parede, carreguei a fotografia dos diamantes para o computador, e postei a imagem num anúncio na rede Tor.

Vende-se: diamantes Crisálida, valor est. \$2,2 milhões. Consideradas todas as ofertas para além de \$450.000.

Assinei como _porquê e, feito isto, fechei de novo o portátil, meti-o na mala, e fui procurar companhia.

CAPÍTULO 14

A recetação de um objeto roubado é mais importante do que o roubo.

Vídeos DVD, relógios, telefones, relíquias de família, peças avulsas de ouro e prata — um prestamista disse se encarregará, por baixo preço. Na Florida, um juiz decretou que os prestamistas não precisam de devolver mercadorias roubadas sem terem a hipótese de serem ouvidos num processo civil. O crime disparou, bem como o número de prestamistas.

«Há uma ligação entre pobreza, crime e prestamistas?», perguntou uma jornalista de Miami, enviada a cobrir a história como parte de uma série sobre o declínio da América.

«Minha senhora», replicou o xerife local, «caga quando come?»

No Reino Unido, tal observação teria constituído uma ofensa digna de despedimento. Dizer o que se pensa em público, quanto mais

falar com referências a funções corporais, não é coisa feita pelas Classes Dominantes. Nos EUA, tão vivas imagens são tranquilizadoras; quase tão tranquilizadoras como ver um xerife com uma *AK-47* a passar de carro pelo bairro. Partindo do princípio, claro está, de que o bairro é de classe média e branco.

«Caga quando come?» Um professor da Universidade de Nova Iorque que subornei com *chao min* e um sarau de Elgar em troca dos seus conhecimentos de criminologia riu-se. «É a caca feita de biocarbonos complexos? É a natureza uma maravilha, é o corpo humano compreendido? É-o a sociedade? São-no as pessoas? São rudes e excessivas simplificações de entrincheirados problemas socioeconómicos precisamente o que está errado com este país polarizado? Sim, que diabo!» Cacarejou rejubilante ante esta revelação, e arrebanhou mais uma carga de massa chinesa. «Sabe porque é que os peritos não têm uma resposta fácil? Porque a porra de um perito é o tipo que sabe quão complicadas são a porra das questões.»

Mais tarde — com ele já mais sóbrio — perguntei-lhe as coisas que queria realmente saber. Crime organizado. Interpol. Lei e pegadas digitais; tudo o que um estudante de criminologia em formação poderia querer perguntar. E porque não dizer-me? Ele conhecia a minha cara; criminoso algum se teria atrevido a ser tão ousado.

Como se vendem diamantes roubados?

«Envia-se para o correio», explicou um arrombador-de-cofres-tornado-homem-de-leis croata, cuja perícia era contratada por forças policiais, universidades e, assim o sussurrou enquanto jazíamos sentados à beira do Mar Adriático, «por alguns espões mas jamais russos ou judeus, *jamais*, juro pela vida da minha mãe».

Eu comprara a sua sabedoria por \$5000 e uma garrafa de champanhe, e agora ele emborcava a bebida enquanto o Sol se punha nas nossas costas e o céu húmido se enchia de um rosa difuso. «Eu não queria ser correio. Nunca sabe onde se vai meter — o problema não são os chuis, são os tipos do outro lado do contrato, quero dizer, pode ser qualquer um, qualquer um; mas é o correio que corre o risco, graças a Deus, ouvem-se histórias. Mostre-me um tipo simpático, e ponha-lhe um diamante de dez quilates à frente e eu mostrar-lhe-ei um monstro, nem mais.» Um estalar de dedos, uma golada de champanhe, a luz do Sol através da taça. «Sabe qual é a diferença entre um ladrão profissional e um amador?»

Não. Não sabia.

«Um profissional sabe quando cair fora. O contrato é bom de mais; o cofre difícil de mais; os porcos ruidosos de mais. Tudo bem. Minimize as suas perdas. Não passa da porra de dinheiro, percebe o que quero dizer?»

E se o contrato for avante?

«É-se pago. Talvez 5 a 10 por cento se se tiver sorte. O melhor que alguma vez recebi: 20 por cento do valor do diamante, e isso foi coisa única, ímpar, jamais acontece. Mas o tipo que o tem agora, o recetador, tem de movimentar o produto. De modo que o envia para a Índia, ou África, talvez. Moçambique; talvez Zimbabwe? Eles por lá têm esta coisa, este processo de Kimberley, que supostamente protege as pessoas que minam diamantes e essa merda, mas o que faz é produzir burocracia. De modo que se cortam os diamantes, uma, duas vezes, talvez dez, vinte vezes, dependendo do que se pretende. E obtém-se um belo certificado novo em folha enquanto saímos para o mundo dizendo que esta pedra é autenticada reluzente e limpa, e expedimo-la para a América ou China ou Brasil, e vendemo-la, valendo menos do que valia antes mas sabe como é, é o preço do negócio.»

É pois um negócio com base na confiança?

«Claro, claro. Tem que se confiar no correio, que tem de confiar no comprador, que tem de confiar nos tipos a quem vende. Tem tudo a ver com confiança, e porque não teria? Se se quebrar a confiança, acaba-se na prisão ou morto ou ambos, de modo que se confia para sobreviver e ficam todos bem.»

Sorri e enchi-lhe outra taça de champanhe.

*

Confiança: crença de que alguém é fidedigno, honesto, verdadeiro, bom.

Tais crenças são formadas com o tempo, e ninguém no mundo se lembrava de mim tempo suficiente para em mim confiar. De modo que fiz tudo por mim própria, e fi-lo sozinha.

CAPÍTULO 15

Muscat, fitando o mar.

Eu queria vender diamantes, sabia que havia compradores algures, um mercado mesmo à espera de comprar.

Fui à darknet.

*

Havia oitenta e sete respostas diferentes ao meu anúncio quando fui verificar ao fórum.

Destas, cinquenta e uma eram um desperdício de tempo de imbecilidades, desde o insultuoso ao manifestamente falso. Com isso restavam trinta e seis contactos suscetíveis de consideração.

Descartei as dez melhores e as dez piores ofertas de imediato. Uma oferta, de dois milhões de dólares, tresandava a qualquer idiota companhia de seguros ou serviço de segurança, e a segunda melhor, de \$1,8 milhões, vinha acompanhada das palavras: *Pode confiar em nós para proteger o seu anonimato.*

Eu não confiava em ninguém, e ninguém merecedor do meu tempo assumiria o contrário a meu respeito.

Voltei a minha atenção para ofertas mais convincentes, variando de \$650.000 a \$900.000 em várias moedas. Duas ofereciam pagamento em bitcoins, o que tinha os seus atrativos, mas uma solicitava-me que expedisse os diamantes para a África do Sul; um risco que não estava disposta a correr.

Das ofertas que permaneceram na mesa, escolhi as quatro mais prováveis: uma oferecendo bitcoins, uma oferecendo câmbio em qualquer cidade que eu desejasse, uma que requeria expedição para a Índia, e a última perguntando-me se estava interessada no pagamento através de um casino em Macau.

Macau saiu da corrida quando o comprador pediu um encontro preliminar num iate privado ao largo da Tunísia. O comprador em bitcoins caiu fora quando o pressionei para dar detalhes logísticos. Entre a Índia e o onde-quer-que-queira, fui para a opção mais preguiçosa.

A mercadoria tem valor histórico, escrevia o onde-quer-que-queira, correndo pelo punho de mugurski71. Estou ao serviço de um colecionador. Onde gostaria de se encontrar?

Dois dias de exploração em Muscat.

A localização ideal: um lugar público, para minimizar as probabilidades de ser roubada. Um lugar discreto, de modo a podermos inspecionar a mercadoria um do outro com privacidade. Um lugar longe de câmaras de vigilância CCTV, mas com acesso a transporte e fuga. Escolhi o *souk* Muttrah. Outrora, poderia ter sido um sítio de velas fedendo a mijo e ladrões, de esquinas enegrecidas e becos sem saída, mercadoria em derrocada e fumo; de sonhos fantásticos que corriam na imaginação de poetas e pintores do Ocidente, enchendo-lhes os sentidos de incenso. Agora era uma armadilha turística para compradores que ainda tomavam «brilhante» por «antiguidade»; chão cuidadosamente limpo e betão. Onde estavam os exóticos banhos de damas desnudas que assombravam as obras de Ingres e Matisse, onde estava o *djinn* das *Mil e Uma Noites*, a mística sobrenaturalidade de *Al Aaraaf*? Pois bem, tinham sido excluídos do mercado pelo preço do mercado imobiliário, e conquanto os escaparates estivessem ajoujados de mercadorias, regatear mal renderia um desconto de 10 por cento, mesmo que se fosse americano e o preço inicial exorbitante.

Vagueei através de escaparates com sedas e caxemiras suspensas, algumas mais genuínas que outras. Inspeccionei colares de ouro, e colares de quase ouro, e gordas pulseiras de ouro nenhum dispostas em reluzente esplendor, tabuleiros tão apertados uns contra os outros no escaparate que o vendedor tinha de estar postado direito como uma vara no minúsculo espaço entre as suas mercadorias. Flanei por entre grandes sacas castanhas de curcuma e açafão, cravo-da-índia e canela; tabuleiros de tâmaras, tinas de azeitonas, tetos de que pendiam lâmpadas de vidro cujos quebra-luzes estavam perfurados de luas e estrelas. Abri caminho entre tilintantes caçarolas de cobre e contorci-me em torno de manequins ataviados de *abayas* em azul e preto. Um vendedor estendeu-me uma faca curva metida num estojo embutido de joias e vociferou em inglês: — Você, você, linda senhora, americana, sim, o melhor, o melhor, eu vendo o melhor!

Outro apanhou-me a olhar para um pequeno bule de chá cor de laranja sobre uma mesa com uma miscelânea de bricabraque e exclamou: — Para o seu marido! —, ao passo que, do outro lado do corredor apertado, um velho de barba branca nada disse enquanto eu examinava um jogo de xadrez esculpido em pedra-sabão jaspeada, até que por fim ergueu a cabeça ante a minha contemplação e declarou suavemente: — Só deve comprar se jogar.

— Tem razão — respondi. — Com certeza.

Escolhi o meu lugar, com fartura de gente, fartura de cobertura, sem câmaras de segurança à vista; um café vendendo *shisha* e chá, onde nos podíamos ocultar atrás da privacidade de cortinas de damasco e estruturas de treliça em pau-rosa, com nefastos negócios a fazer.

*

Regressei ao quarto de hotel. No computador aguardava-me prova de fundos de mugurski71.

Bem como uma nova mensagem.

Byron14: Porque atacou a Prometheus?

Em circunstâncias normais, uma mensagem de um estranho é algo que eu ignoro. A solidão tem conduzido a muitos erros na minha vida. Fechei o computador e ignorei-a.

Duas horas depois, ao verificar se mugurski71 tinha oferecido mais alguma coisa:

Byron14: Sei que está a fazer negócio com mugurski71.

Considerei a mensagem por um momento, dei a volta ao quarto, abri a janela para escutar o mar, e voltei ao teclado.

_porquê: Não discuto questões de negócios.

Byron14: Porque atacou a Prometheus?

_porquê: Não sei o que quer dizer.

Byron14: Roubou o Crisálida a Shamma bint Bandar no lançamento do novo produto da Prometheus no Dubai. Humilhou Pereyra-Conroy; envergonhou a sua companhia.

_porquê: Quem é Prometheus?

Byron14: É o Perfection. Mugurski71 trabalha para a Prometheus.

Afastei-me novamente do computador, vagueei pelo quarto, bebi água fresca, agarrei nos dedos dos pés e distendi-me até os ouvidos me zumbirem, sentei-me novamente.

Byron14 estava à espera, paciente, no outro lado da linha.

_porquê: Qual é o seu interesse?

Byron14: Ao roubar o Crisálida do seu evento, humilhou a Prometheus. Eles estão a assistir os Emirados nas suas investigações.

_porquê: Isso não responde à minha pergunta.

Byron14: Acedeu a encontrar-se com mugurski71?

_porquê: O que quer?

Byron14: Mande um fantoche. Contacte-me uma vez isso feito.

Foi tudo.

CAPÍTULO 16

Deitada acordada na escuridão abrasadora de um verão de Muscat.

Sem pregar olho.

Os ladrões são propensos a paranoia. O carro na noite, os passos nas sombras; confiança. Em quem confiar? Em praticamente todo o pequeno crime, ódio é uma palavra tão boa como honra. Ódio aos chuis, ódio à lei, ódio ao mundo. Por esta razão, o mediano assaltante de três vinténs atirado por três anos para Petonville não vai trair os comparsas, porque, embora sendo todos sacanas traidores, eles não são os chuis, o chiqueiro, a imundície, e ainda que não sejam amigos, não deixam de ser comparsas.

Sobe o crime, sobem as apostas, sobem as razões para traição.